

MORTE E CHOCOLATE

Primeiro as cores.

Depois os humanos.

É geralmente assim que eu vejo as coisas.

Ou, pelo menos, tento.

EIS UM PEQUENO FACTO

Vocês vão morrer.

Para falar francamente, estou a tentar mostrar-me prazenteira acerca deste tópico, embora a maioria das pessoas sinta dificuldade em me acreditar, por muito que eu proteste. Por favor, confiem em mim. Eu *posso* definitivamente ser prazenteira. Posso ser amável. Agradável. Afável. E isso só nos A's. Só não me peçam para ser simpática. Simpatia não tem nada a ver comigo.

REACÇÃO AO FACTO ACIMA MENCIONADO

Isto preocupa-os?

Peço-lhes — não tenham medo.

Sou seguramente justa.

É claro, uma apresentação.

Um começo.

Que é feito das minhas boas maneiras?

Podia apresentar-me devidamente, mas não é de facto necessário. Vocês conhecer-me-ão suficientemente bem e suficientemente depressa, dependendo de um amplo leque de variáveis. Basta dizer que em

determinado ponto do tempo, me encontrarão debruçada sobre vós, tão jovial quanto possível. A vossa alma estará nos meus braços. No meu ombro pousará uma cor. Levar-vos-ei docemente comigo.

Nesse momento, vocês estarão lá deitados (raramente encontro pessoas de pé). Estarão amalgamados no vosso próprio corpo. Talvez haja uma descoberta; um grito que gotejará pelo ar. O único som que ouvirei depois disso será a minha própria respiração, e o som do cheiro, dos meus passos.

A questão é saber de que cor estará tudo nesse momento em que eu vos for buscar? O que estará o céu a dizer?

Pessoalmente, gosto de um céu cor de chocolate. Chocolate preto, preto. As pessoas dizem que condiz comigo. No entanto, procuro desfrutar de cada cor que vejo — de todo o espectro. Cerca de um bilião de sabores, nenhum igual a outro, e um céu para sorver lentamente. Diminui o *stress*. Ajuda-me a descontraír.

UMA PEQUENA TEORIA

As pessoas observam as cores de um dia apenas no seu princípio e fim, mas para mim é óbvio que um dia se funde numa multitude de tonalidades e entoações, a cada momento que passa. Uma única *bora* pode consistir em milhares de cores diferentes. Amarelos ceráceos, azuis de morrinha. Negros tenebrosos. No meu trabalho, faço questão de os notar.

Como já aludi, a única coisa que me salva é a distração. É o que me mantém sã de espírito. Ajuda-me a aguentar, considerando a extensão de tempo a que venho desempenhando esta tarefa. O problema é quem poderia alguma vez substituir-me? Quem poderia entrar, enquanto eu faço uma pausa, no vosso destino de férias-padrão em estilo de *resort*, seja ele tropical ou na variedade de prática de esqui? A *resposta*, claro, é ninguém, o que me levou a tomar uma decisão consciente e deliberada — fazer da distração as minhas férias. Desnecessário será dizer que faço férias em acréscimos. Em cores.

Ainda assim, é possível que vocês estejam a perguntar: por que é que ela precisa sequer de férias? Precisa de se distraír *de* quê?

O que me leva ao ponto seguinte.

São os humanos que ficam.

Os sobreviventes.

É para esses que eu não suporto olhar, embora em muitas ocasiões ainda falhe. Procuro deliberadamente as cores para manter o espírito

longe deles mas, de vez em quando, observo os que são deixados para trás desintegrando-se por entre o *puzzle* da percepção, do desespero e da surpresa. Têm corações destruídos. Têm pulmões exaustos.

O que, por sua vez, me leva ao assunto de que lhes estou a falar esta noite, ou neste dia, qualquer que seja a hora e a cor. Trata-se da história de um desses sobreviventes perpétuos — um perito em ser deixado para trás.

É apenas uma pequena história, na realidade, acerca, entre outras coisas, de:

- Uma rapariga
- Algumas palavras
- Um acordeonista
- Alguns alemães fanáticos
- Um pugilista judeu
- E uma boa dose de furtos

Vi a rapariga que roubava livros três vezes.

JUNTO À LINHA DE COMBOIO

A primeira é uma coisa branca. Do tipo ofuscante.

Alguns de vocês estão provavelmente a pensar que o branco não é realmente uma cor e todo esse género de disparates estafados. Pois bem, eu estou aqui para lhes dizer que é. O branco é sem qualquer dúvida uma cor e, pessoalmente, não creio que queiram discutir comigo.

UMA DECLARAÇÃO TRANQUILIZADORA

Por favor, fiquem calmos, apesar dessa ameaça anterior.

Sou só uma atoarda...

Eu não sou violenta.

Eu não sou maliciosa.

Eu sou um resultado.

Sim, era branco.

Dava a sensação de que todo o globo se encontrava envolto em neve. Como se a tivesse vestido, da mesma maneira que se veste uma camisola. Ao lado da linha férrea, havia pegadas enterradas até às canelas. As árvores tinham cobertores de gelo.

Como podem calcular, morrera alguém.

Não podiam deixá-lo ficar no chão. Para já, não era grande problema, mas em breve a linha mais à frente seria desimpedida e o comboio teria de prosseguir.

Havia dois guardas.

Havia uma mãe e a sua filha.

Um cadáver.

A mãe, a rapariga e o cadáver permaneciam obstinados e silenciosos.

— Bem, que mais queres tu que eu faça?

Os guardas eram um alto e outro baixo. O alto falava sempre primeiro, embora não fosse ele a mandar. Olhou para o mais baixo e mais gordo. O de rosto forte e sanguíneo.

— Bem — foi a resposta —, não podemos deixá-los assim, não achas?

O mais alto começava a perder a paciência. — Por que não?

E o mais baixo quase explodiu. Ergueu os olhos para o queixo do mais alto e gritou: — *Spinnst du?* És estúpido? — A fúria que lhe enchia as bochechas aumentava a cada instante. A pele dilatava-se. — Anda — disse ele, avançando pela neve. — Levamo-los aos três, nem que tenhamos que os transporta ao colo. Vamos informar a próxima paragem.

Quanto a mim, já cometera o mais elementar dos erros. Não consigo explicar-vos a severidade do meu desapontamento. Originalmente, eu fizera tudo bem:

Estudara o céu de um branco ofuscante que se avistava pela janela do comboio em marcha. *Inalei-o* praticamente, mas mesmo assim hesitei. Verguei — interessei-me. Pela rapariga. A curiosidade foi mais forte do que eu, e resignei-me a ficar até o meu horário o permitir. E observei.

Vinte e três minutos mais tarde, quando o comboio foi parado, desci com eles.

Tinha nos braços uma pequena alma.

Desviei-me um pouco para a direita.

O dinâmico duo de guardas do comboio regressou para junto da mãe, da rapariga e do pequeno cadáver masculino. Lembro-me perfeitamente de que a minha respiração nesse dia era sonora. Surpreende-me que os guardas não tenham dado por mim quando passaram. O mundo cedia agora, sob o peso de toda aquela neve.

Talvez uns dez metros para a minha esquerda, a rapariga pálida, de estômago vazio, mantinha-se de pé, enregelada.

A boca tremia-lhe.

Tinha os braços frios cruzados.

Havia lágrimas geladas na face da rapariga que roubava livros.

O ECLIPSE

A seguinte é uma assinatura preta, para mostrar os pólos da minha versatilidade, se quiserem. Era o instante mais negro antes da alvorada.

Dessa vez eu fora buscar um homem, talvez de uns vinte e quatro anos. Foi uma coisa bela em certos aspectos. O avião ainda tossicava. Escapava-se fumo dos seus dois pulmões.

Ao despenhar-se, abriu três profundas feridas no solo. As suas asas eram agora braços cortados. Não haveria mais de adejar. Não para este pequeno pássaro metálico.

ALGUNS OUTROS BREVES FACTOS

Às vezes chego demasiado cedo.

Precipito-me, e algumas pessoas agarram-se mais
à vida do que seria de esperar.

Após uma pequena série de minutos, o fumo extinguiu-se. Não restara nada.

O primeiro a chegar foi um rapaz, com a respiração descontrolada e o que parecia ser uma caixa de ferramentas. Muito agitado, aproximou-se da cabina e observou o piloto, avaliando se estaria vivo, o que nessa altura ainda acontecia. A rapariga que roubava livros chegou talvez trinta segundos mais tarde.

Os anos tinham passado, mas eu reconheci-a.

Vinha ofegante.

Da caixa de ferramentas o rapaz tirou, quem havia de dizer, um ursinho de pelúcia.

Esticou-se através do pára-brisas despedaçado e pousou-o no peito do piloto. O urso sorridente ficou aninhado entre os destroços atravancados do homem e o sangue. Alguns minutos depois, aventurei-me. Era a altura certa.

Entrei, libertei a sua alma e levei-a suavemente comigo.

Ficou apenas o corpo, um vago cheiro a fumo e o ursinho sorridente.

Quando a multidão chegou em força, as coisas, é claro, haviam mudado. O horizonte começava a incendiar-se. O que restava do negrume lá em cima era agora apenas um rabisco, a desaparecer rapidamente.

O homem, em comparação, adquirira a cor do osso. Pele cor de esqueleto. Uma farda amarrotada. Os seus olhos estavam frios e castanhos — como manchas de café — e a derradeira garatuja lá em cima formava o que, a mim, me pareceu uma forma esquisita, mas familiar. Uma assinatura.

A multidão fez o que fazem as multidões.

À medida que eu abria caminho por entre elas, as pessoas iam-se debatendo com o sossego envolvente. Era uma pequena mistura de movimentos de mãos desarticulados, frases abafadas, e voltas mudas, constrangidas.

Olhando de relance para trás, para o avião, vi que a boca aberta do piloto parecia sorrir.

Uma graça final de mau gosto.

Mais uma piada humana.

Permaneceu amortalhado na sua farda enquanto a luz cinzenta desafiava o céu. Tal como com muitos outros, quando comecei a afastar-me, pareceu cair de novo uma sombra rápida, um momento final de eclipse — o reconhecimento de mais uma alma desaparecida.

Sabem, durante um instante, apesar de todas as cores que tocam e engolfam aquilo que vejo neste mundo, eu capto frequentemente um eclipse quando morre um humano.

Já vi milhões.

Já vi mais eclipses do que gosto de recordar.

A BANDEIRA

A última vez que a vi era vermelha. O céu assemelhava-se a sopa, fervilhando agitada. Em alguns sítios queimara-se. Havia migalhas pretas, e castanhas, sulcando a vermelhidão.

Mais cedo, houvera garotos a jogar à macaca ali, na rua que apresentava o aspecto de páginas manchadas de óleo. Quando eu cheguei, ainda lhes conseguia ouvir os ecos. Os pés a bater no chão. As vozes infantis a rir, e os sorrisos como sal, mas deteriorando-se rapidamente.

Depois, bombas.

Dessa vez, tudo foi demasiado tarde.

As sirenes. Os gritos de cuco na rádio. Tudo demasiado tarde.

No espaço de minutos, amontoaram-se pilhas de cimento e terra. As ruas eram veias rasgadas. O sangue correu até secar no solo, e os corpos ficavam ali presos, como despojos após a cheia.

Estavam colados ao chão, todos eles. Um monte de almas.

Seria o destino?

Infortúnio?

Seria isso que os colava assim ao solo?

Claro que não.

Não sejamos estúpidos.

É mais provável que tivesse a ver com as bombas caídas, atiradas por humanos escondidos nas nuvens.

Sim, o céu estava agora de um vermelho devastador, intenso. A pequena cidade alemã fora uma vez mais assolada. Flocos de cinzas tombavam de forma tão *encantadora* que nos sentíamos tentados a estender a língua para os apanhar, para os saborear. Só que ter-nos-iam chamuscado os lábios. Ter-nos-iam queimado a boca.

Vejo claramente a cena.

Preparava-me para me afastar quando a descobri ajoelhada ali.

Havia uma cordilheira de escombros escrita, desenhada, erigida à sua volta. Ela apertava com força um livro.

À parte todo o resto, a rapariga que roubava livros desejava desesperadamente regressar à cave, para escrever, ou para reler a sua história uma última vez. Em retrospectiva, vejo-o muito obviamente no seu rosto. Ela morria por isso — pela sua segurança, pelo seu aconchego — mas não conseguia mover-se. Aliás, a cave já nem sequer existia. Fundira-se na paisagem mutilada.

Por favor, volto a pedir-lhes que me acreditem.

Eu quis parar. Curvar-me.

Quis dizer:

— Lamento, criança.

Mas isso não é permitido.

Não me curvei. Não falei.

Em vez disso, observei-a durante um bocado. Quando ela conseguiu mover-se, segui-a.

Ela deixou cair o livro.

Ajoelhou-se.

A rapariga que roubava livros soltou um uivo.

O livro dela foi pisado várias vezes quando a limpeza começou, e embora fossem dadas ordens apenas para limpar os escombros de cimento, a peça mais preciosa da rapariga foi atirada para um camião de lixo, e nessa altura senti-me compelida a agir. Subi para lá e peguei-lhe, sem me aperceber de que o iria guardar e folhear vários milhares de vezes ao longo dos anos. Iria observar os lugares em que nos cruzáramos, e admirar-me com o que a rapariga vira e como sobrevivera. É o máximo que posso fazer — ver isso ajustar-se a tudo o resto que presenciei durante esse tempo.

Sempre que me lembro dela, vejo uma longa lista de cores, mas são as três em que a vi em carne e osso que mais ressaltam. Por vezes consigo flutuar muito acima desses três momentos. Mantenho-me suspensa, até uma verdade asséptica sangrar rumo à claridade.

É então que as vejo reduzidas a fórmulas.

AS CORES

VERMELHO:  BRANCO:  PRETO: 

Tombam em cima umas das outras. A assinatura preta rabiscada, sobre o branco global ofuscante, sobre o vermelho espesso e pastoso.

Sim, lembro-me dela com frequência e num dos bolsos da minha vasta coleção, conservei a sua história para contar. É uma de entre a pequena legião que trago comigo, cada uma delas extraordinária por si só. Cada uma delas uma tentativa — um imenso salto tentativo — para me provar que vocês, e a vossa existência humana, são merecedores.

Ei-la aqui. Uma de várias.

A Rapariga Que Roubava Livros.

Se vos apetece, vinde comigo. Contar-vos-ei uma história.

Mostrar-vos-ei uma coisa.

PARTE UM

o manual do coveiro

apresentando:

a rua himmel — a arte de *saumenschar* — uma mulher com
pulso de ferro — uma tentativa de beijo — jesse owens — lixa
— o cheiro da amizade — um campeão de pesos-pesados — e
a mãe de todas as *watschens*

A CHEGADA À RUA HIMMEL

Aquela última vez.

Aquele céu vermelho...

Como é que uma rapariga que rouba livros acaba ajoelhada e a uivar, rodeada por uma pilha de ridículo entulho, gordurento e queimado, engendrado pelo homem?

Anos antes, o começo foi neve.

Chegara a hora. Para um.

UM MOMENTO ESPECTACULARMENTE TRÁGICO

Um comboio avançava velozmente.

Ia apinhado de humanos.

Na terceira carruagem morreu um rapaz de seis anos.

A rapariga que roubava livros e o irmão viajavam para Munique, onde em breve seriam entregues a pais de acolhimento. Sabemos agora, é claro, que o rapaz não chegou lá.

COMO ACONTECEU

Houve um intenso estertor de tosse.

Um estertor quase *inspirado*.

E logo após — nada.

Quando a tosse cessou, não havia nada senão o nada da vida a continuar com um arrastar de pés, ou um espasmo quase silencioso. Uma subitaneidade abriu então caminho para os seus lábios, que apresentavam uma cor castanha corroída e a pelar, como tinta velha. A precisar desesperadamente de retoques.

A mãe deles dormia.

Eu entrei no comboio.

Os meus pés percorreram a coxia apinhada e a palma da minha mão pousou na boca dele num ápice.

Ninguém reparou.

O comboio continuou a galopar.

Excepto a rapariga.

Com um olho aberto e o outro ainda num sonho, a rapariga que roubava livros — também conhecida por Liesel Meminger — pôde ver sem sombra de dúvida que o seu irmão mais novo, Werner, se achava agora inclinado e morto.

Os seus olhos azuis fixavam o chão.

Sem ver nada.

Antes de acordar, a rapariga que roubava livros estava a sonhar com o *Führer*, Adolf Hitler. No sonho, ela assistia a um comício em que ele discursava, e fitava o risco cor de crânio do cabelo dele e o quadrado perfeito do seu bigode. Ela escutava satisfeita a torrente de palavras que se derramavam da sua boca. As suas frases reluziam na claridade. Num momento mais calmo, ele chegou mesmo a agachar-se e a sorrir para ela. Ela retribuiu o sorriso e disse, «*Guten Tag, Herr Führer. Wie geht's dir heut?*?»* Ainda não aprendera a falar muito bem, nem mesmo a ler, pois raramente frequentara a escola. A razão para isso, descobri-la-ia ela a seu tempo.

Justamente quando o *Führer* ia responder, ela acordou.

Era Janeiro de 1939. Ela tinha nove anos, quase dez.

O irmão estava morto.

Um olho aberto.

Outro ainda num sonho.

Seria melhor ter tido um sonho completo, penso eu, mas realmente não tenho controlo sobre isso.

O segundo olho acordou sobressaltado e ela apanhou-me, não há a menor dúvida. Foi exactamente no instante em que eu me ajoelhei e extraí a alma dele, segurando-a molemente nos meus braços inchados. Ele reanimou-se pouco depois, mas, quando lhe peguei inicialmente, o espírito do rapaz estava mole e frio, como um gelado. Começou a derreter-se nos meus braços. Depois a reanimar-se completamente. A sarar.

* «Bom dia, meu *Führer*. Como estás hoje?». (NT)

Para Liesel Meminger, havia a rigidez de movimentos confinados e a investida hesitante dos pensamentos. *Es stimmt nicht*. Isto não está a acontecer. Isto não está a acontecer.

E as tremuras.

Por que é que eles tremem sempre?

Sim, eu sei, eu sei, presumo que tem algo a ver com instinto. Para deter o fluxo da verdade. Nesse instante o coração dela estava escorregadio e quente, e ruidoso, tão ruidoso, tão ruidoso.

Estupidamente, eu fiquei. E observei.

A seguir, a mãe.

Ela acordou-a com a mesma tremura agitada.

Se não conseguem imaginar, pensem num silêncio inepto. Pensem em pedaços de desespero flutuante. E em morrer afogado num comboio.

A neve tombava incessantemente há já algum tempo, e a composição para Munique foi obrigada a parar devido a deficiências nos carris. Havia uma mulher a gemer. A seu lado encontrava-se uma rapariga entorpecida.

Em pânico, a mulher abriu a porta.

Desceu para a neve, abraçando o pequeno corpo.

O que podia a rapariga fazer senão segui-la?

Como já foram informados, havia igualmente dois guardas no comboio. Eles discutiram e altercaram acerca do que fazer. A situação era desagradável, no mínimo. Foi finalmente decidido que todos três deviam ser levados para a próxima cidade e deixados aí para as coisas serem resolvidas.

Desta vez, o comboio foi a manquejar através do campo coberto de neve.

Vacilou e estacou.

Eles desceram para a plataforma, a mãe com o corpo nos braços.

Permaneceram ali de pé.

O rapaz começava a ficar pesado.

Liesel não fazia a menor ideia de onde se encontrava. Estava tudo branco e enquanto permaneceram na estação, ela apenas podia fixar as letras desbotadas do letreiro à sua frente. Para Liesel, a cidade não tinha nome, e foi aí que, dois dias depois, enterraram o seu irmão, Werner. As testemunhas incluíam um padre e dois coveiros a tiritar.

UMA OBSERVAÇÃO

Um par de guardas ferroviários.

Um par de coveiros.

Chegada a altura, um deles deu as ordens.

O outro fez o que lhe mandavam.

A questão é, e se o *outro* é muito mais do que um?

Erros, erros, é só do que pareço ser capaz em certas alturas.

Durante dois dias tratei dos meus assuntos. Percorri o globo como sempre, entregando almas ao tapete rolante da eternidade. Vi-as rolar passivamente. Por várias vezes disse a mim mesma que devia manter-me bem longe do funeral do irmão de Liesel Meminger. Não segui o meu conselho.

A quilómetros de distância, ao aproximar-me, já conseguia avistar o pequeno grupo de humanos enregelados, de pé no meio do deserto de neve. O cemitério recebeu-me como amigo, e em breve os alcancei. Olhei para baixo.

À esquerda de Liesel, os coveiros esfregavam as mãos e lamentavam-se por causa da neve e das presentes condições para cavar. «É tão difícil furar tanto gelo», e assim por diante. Um deles não podia ter mais de catorze anos. Um aprendiz. Quando se foi embora, após meia dúzia de passos, um livro preto caiu-lhe do bolso do casaco sem ele dar por isso.

Alguns minutos mais tarde, a mãe de Liesel começou a afastar-se com o padre. Estava a agradecer-lhe os serviços prestados na cerimónia.

A rapariga, contudo, ficou.

Os seus joelhos penetraram no solo. O seu momento chegara.

Ainda descrente, começou a cavar. Ele não podia estar morto. Ele não podia estar morto. Ele não podia...

Numa questão de segundos a neve gretou-lhe a pele.

O sangue gelado estalou-lhe nas mãos.

Algures, no meio de toda a neve, ela conseguia ver o seu coração despedaçado, partido em dois. Cada uma das metades refulgia, e batia sob toda aquela brancura. Ela apenas se apercebeu de que a mãe voltara para a ir buscar ao sentir uma mão ossuda no ombro. Estava a ser arrastada dali. Um grito quente encheu-lhe a garganta.

UMA PEQUENA IMAGEM, TALVEZ

UNS VINTE METROS ADIANTE

Terminado o arrastar, a mãe e

a rapariga pararam e respiraram.

Havia qualquer coisa preta e rectangular
alojada na neve.
Só a rapariga a viu.
Curvou-se e apanhou-a, e segurou-a firmemente
entre os dedos.
O livro tinha letras prateadas.

Elas deram-se as mãos.

Foi solto um último e encharcado adeus, e depois viraram-se e abandonaram o cemitério, olhando várias vezes para trás.

Quanto a mim, permaneci por uns momentos.

Acenei.

Ninguém correspondeu ao meu aceno.

Mãe e filha saíram do cemitério e dirigiram-se para o comboio seguinte em direcção a Munique.

Eram ambas escanzeladas e pálidas.

Ambas tinham os lábios gretados.

Liesel deu por isso na janela suja e enevoada do comboio ao embarcarem, pouco antes do meio-dia. Segundo as palavras escritas pela própria rapariga que roubava livros, a viagem prosseguiu como *tudo* tinha acontecido*.

Quando o comboio entrou na *Bahnbof* de Munique, os passageiros deslizaram para fora como de um embrulho rasgado. Havia pessoas de todas as condições mas, entre elas, os pobres eram os mais facilmente reconhecíveis. Os necessitados procuram sempre manter-se em movimento, como se a deslocação pudesse ajudar. Ignoram a realidade de que uma nova versão do mesmo velho problema os espera no final da viagem — o parente que receiam beijar.

Penso que a mãe dela sabia isso muito bem. Não vinha entregar a filha aos escalões superiores de Munique, mas fora aparentemente encontrado um lar de acolhimento e, quanto mais não fosse, a nova família podia pelo menos alimentar a rapariga e o rapaz um bocado melhor, e proporcionar-lhes a devida educação.

O rapaz.

Liesel tinha a certeza de que a mãe transportava a memória dele a tiracolo. Deixou-o cair. Viu-lhe os pés e as pernas e o corpo abaterem-se sobre a plataforma.

* No original: like *everything* had happened. O autor fez aqui um jogo de palavras com a expressão «as if nothing had happened»: «como se nada tivesse acontecido». (NT)

Como podia aquela mulher caminhar?

Como podia mover-se?

Isto é o género de coisas que eu nunca saberei, nem compreenderei — aquilo de que os humanos são capazes.

Ela apanhou-o e continuou a andar, com a rapariga agora colada a seu lado.

Houve encontros com as autoridades, e perguntas acerca de atrasos e do rapaz levantaram as suas cabeças vulneráveis. Liesel permaneceu no canto do pequeno escritório poeirento, enquanto a mãe se sentava, de pensamentos cerrados, numa cadeira muito dura.

Houve o caos da despedida.

Foi uma despedida molhada, com a cara da rapariga enterrada nas pregas de lã do casaco puído da mãe. Uma vez mais tivera de ser arrastada.

A certa distância dos subúrbios de Munique havia uma cidade chamada Molching, que insignificantes como vocês e eu deverão pronunciar «Molking.» Era para aí que a levavam, para uma rua chamada Himmel.

UMA TRADUÇÃO

Himmel = Céu

Quem quer que tenha dado o nome à rua Himmel possuía indiscutivelmente um saudável sentido de ironia. Não que ela fosse um inferno. Não era. Mas, c'os diabos, também não era o céu.

Seja como for, os pais de acolhimento de Liesel aguardavam.

Os Hubermann.

Estavam à espera de uma rapariga e de um rapaz e ser-lhes-ia paga uma pequena pensão por os receberem. Ninguém queria dizer a Rosa Hubermann que o rapaz não sobrevivera à viagem. De facto, nunca ninguém lhe queria verdadeiramente dizer nada. No que se refere a temperamento, o dela não era realmente invejável, embora os seus antecedentes com crianças de acolhimento fossem bons. Aparentemente, metera vários na ordem.

Para Liesel, foi uma viagem de automóvel.

Ela nunca entrara num.

Havia a subida e descida constantes do seu estômago, e as esperanças fúteis de que eles se perdessem ou mudassem de ideias. No meio de tudo isso, não conseguia evitar que os seus pensamentos

se virassem para a mãe, de volta à *Bahnbof*, à espera para partir de novo. A tiritar. Embrulhada naquele casaco inútil. Estaria a roer as unhas, à espera do comboio. A plataforma seria comprida e desconfortável — uma fatia de cimento frio. Procuraria descortinar o local aproximado da sepultura do filho na viagem de regresso? Ou seria o sono demasiado pesado?

O carro movia-se, com Liesel antecipando, apavorada, a última e letal volta.

O dia estava cinzento, a cor da Europa.

Em redor do carro cerravam-se cortinas de chuva.

— Quase lá. — A senhora da assistência, Frau Heinrich, virou-se e sorriu. — *Dein neues Heim*. O teu novo lar.

Liesel limpou um círculo no vidro embaciado e olhou para fora.

UMA FOTOGRAFIA DA RUA HIMMEL

Os edifícios parecem grudados, na sua maioria casas pequenas e blocos de apartamentos com ar nervoso.

Há neve lamacenta espalhada como uma alcatifa.

Há cimento, árvores como cabides de chapéus vazios,
e ar cinzento.

Havia também um homem no automóvel. Ficou com a rapariga enquanto Frau Heinrich desaparecia lá dentro. Nunca falou. Liesel partiu do princípio de que ele lá estava para garantir que ela não fugiria ou para a obrigar a entrar à força se ela lhes levantasse problemas. Contudo, mais tarde, quando começaram de facto os problemas, ele limitou-se a ficar ali sentado, a observar. Talvez ele fosse apenas o último recurso, a solução final.

Após alguns minutos, surgiu um homem muito alto. Hans Hubermann, o pai de acolhimento de Liesel. De um dos seus lados vinha a estatura mediana de Frau Heinrich. Do outro, a forma atarracada de Rosa Hubermann, que parecia um pequeno guarda-roupa com um casaco atirado para cima. Tinha um andar nitidamente bamboleado. Quase engraçado, se não fosse a cara, engelhada como cartão amarrotado e expressando aborrecimento, como se ela apenas tolerasse tudo aquilo. O marido caminhava direito, com um cigarro aceso entre os dedos. Era ele que os enrolava.

O facto era este:

Liesel recusava sair do automóvel.

— *Was ist los mit dem Kind?* — indagou Rosa Hubermann. E repetiu. — O que se passa com esta criança? — Enfiou a cara dentro do carro e disse: — *Na, komm. Komm.**

O lugar da frente foi empurrado para diante. Um corredor de luz fria convidava-a a sair. Ela não conseguiu mover-se.

Lá fora, pelo círculo que traçara, Liesel via os dedos do homem alto, ainda a segurarem o cigarro. Da ponta deste caiu cinza que pairou e se ergueu diversas vezes até atingir o solo. Demorou quase vinte minutos a convencê-la a sair do carro. Foi o homem alto que conseguiu.

Serenamente.

Seguiu-se o portão, a que ela se agarrou.

Irrompeu-lhe dos olhos uma torrente de lágrimas enquanto ela resistia e recusava ir para dentro. Começaram a juntar-se pessoas na rua até Rosa Hubermann as invectivar, após o que elas deram meia-volta e regressaram por onde tinham vindo.

UMA TRADUÇÃO DA INVECTIVA DE ROSA HUBERMANN

Para onde é que estão a olhar, seus bardamerdas?

Por fim, Liesel Meminger dirigiu-se cautelosamente para dentro. Hans Hubermann segurava-lhe uma das mãos. A sua pequena mala segurava-a ela com a outra. Enterrado entre a camada de roupas dobradas nessa mala encontrava-se um pequeno livro preto que, tanto quanto sabemos, um coveiro de catorze anos, numa cidade sem nome, passara provavelmente as últimas horas a procurar. «Juro», imagino-o a dizer para o patrão, «que não faço a menor ideia do que lhe aconteceu. Procurei por toda a parte. *Toda a parte!*» Estou certa de que ele nunca suspeitaria da rapariga e todavia ali estava — um livro preto com palavras prateadas escritas contra o tecto das suas roupas:

MANUAL DO COVEIRO

**Um Guia em Doze Passos para
Cavar Sepulturas com Êxito**

Editado pela Associação de Cemitérios da Baviera

A rapariga que roubava livros atacara pela primeira vez — o início de uma carreira ilustre.

* Vá, anda. Anda. (NT)

CRESCER COMO SAUMENSCH

Sim, uma carreira ilustre.

Devo apressar-me a admitir, no entanto, que houve um hiato considerável entre o primeiro livro roubado e o segundo. Outro ponto digno de nota é o facto de o primeiro ter sido roubado da neve e o segundo do fogo. Sem esquecer que outros lhe foram também dados. Tudo contado, ela possuía catorze livros, mas via a sua história como sendo predominantemente feita por dez deles. Desses dez, seis foram roubados, um apareceu na mesa da cozinha, dois foram feitos para ela por um judeu escondido, e um foi-lhe entregue numa tarde amena vestida de amarelo.

Quando ela se dedicou a escrever a sua história, interrogou-se sobre o momento em que os livros e as palavras começaram a significar, não apenas alguma coisa, mas todas as coisas. Seria quando o seu olhar pousou pela primeira vez na sala com estantes e estantes cheias deles? Ou quando Max Vandenburg chegou à Rua Himmel trazendo mancheias de sofrimento e o *Mein Kampf*, de Hitler? Seriam as leituras nos abrigos? A última marcha para Dachau? Seria *A Sacudidora de Palavras*? Talvez nunca houvesse uma resposta precisa para quando e onde isso ocorreria. De qualquer maneira, estou a adiantar-me. Antes de chegarmos a qualquer dessas coisas, temos de percorrer os inícios de Liesel Meminger na Rua Himmel e a arte de *saumenschar*.

À chegada, ainda eram visíveis as marcas das dentadas da neve nas suas mãos e o sangue congelado nos dedos. Tudo nela se achava subnutrido. Canelas semelhantes a arame. Braços de cabide. Não o exibia facilmente, mas quando acontecia, o seu sorriso era faminto.

O cabelo era de uma marca muito parecida com o louro alemão, mas tinha olhos perigosos. Castanho-escuros. Ninguém queria realmente ter olhos castanho-escuros na Alemanha por essa época. Talvez ela os tivesse

recebido do pai, mas não podia saber porque não se lembrava dele. Na realidade, havia apenas uma coisa que ela sabia acerca do pai. Era um rótulo que não entendia.

UMA PALAVRA ESTRANHA

Kommunist

Ouvira-a várias vezes nos últimos anos.

«Comunista.»

Houvera pensões apinhadas de gente, salas cheias de perguntas. E essa palavra. Essa estranha palavra estava sempre lá algures, encostada a um canto, espreitando das sombras. Usava fatos completos, fardas. Fossem para onde fossem, lá estava ela, sempre que o pai era mencionado. Liesel conseguia sentir-lhe o cheiro e o gosto. Só não conseguia soletrá-la nem compreendê-la. Perguntou à mãe o que ela significava, e foi-lhe dito que não era importante, que não devia preocupar-se com tais coisas. Numa das pensões, havia uma mulher mais saudável que tentou ensinar as crianças a escrever, usando carvão na parede. Liesel sentiu-se tentada a perguntar-lhe o significado daquilo, mas nunca se proporcionou. Um dia, essa mulher foi levada para ser interrogada. Não voltou.

Quando Liesel chegou a Molching, tinha pelo menos uma certa percepção de que estava a ser salva, mas isso não a confortava. Se a mãe a amava, porquê deixá-la à porta de outros? Porquê? Porquê?

Porquê?

O facto de saber a resposta — ainda que ao mais básico dos níveis — parecia não interessar. A mãe encontrava-se permanentemente doente e nunca havia dinheiro para a tratar. Liesel sabia isso. Mas tal não significava que tivesse de o aceitar. Por mais que lhe dissessem que era amada, não havia reconhecimento de que a prova disso estava no abandono. Nada alterava o facto de ela ser uma criança escanzelada e perdida, em mais um lugar estranho, com mais gente estranha. Sozinha.

Os Hubermann viviam numa das pequenas casas semelhantes a caixas da Rua Himmel. Alguns quartos, uma cozinha, e um anexo partilhado com vizinhos. O telhado era chato e havia uma cave baixa para armazenagem. Era, supostamente, uma cave sem *a profundidade adequada*. Em 1939, isso não constituía problema. Mais tarde, em 42 e 43, sim. Quando começaram os ataques aéreos, eles precisavam sempre de correr rua abaixo até um abrigo melhor.

A princípio, foram as blasfémias que tiveram um impacto imediato. Eram tão *veementes* e prolíficas. Em cada duas palavras uma era *Saumensch* ou *Saukerl* ou *Arschloch*. Para quem não esteja familiarizado com estas palavras, eu passo a explicar. *Sau*, é claro, refere-se a porcos. No caso de *Saumensch*, serve para castigar, repreender, ou claramente humilhar uma pessoa do sexo feminino. *Saukerl* (que se pronuncia «zaukérl») é para o masculino. *Arschloch* pode traduzir-se directamente como «bardamerdas». Essa palavra, no entanto, não diferencia os sexos. É simplesmente.

— *Saumensch, du dreckiges!* — gritou a mãe de acolhimento de Liesel nessa primeira noite perante a sua recusa em tomar banho. — Sua porca imunda! Por que é que não te despes? — Era óptima a mostrar-se furiosa. Na verdade, podia dizer-se que Rosa Hubermann tinha uma cara decorada com fúria permanente. Foi assim que surgiram as rugas na textura curtida da sua tez.

Liesel, naturalmente, achava-se afogada em ansiedade. Não ia de forma alguma enfiar-se num banho, nem mesmo na cama, se vamos a isso. Estava enroscada num canto da divisão do tamanho de um roupeiro, agarrada aos braços inexistentes da parede em busca de algum apoio. Mas não havia nada excepto tinta seca, respiração difícil, e o dilúvio de injúrias soltadas por Rosa.

— Deixa-a em paz. — Hans Hubermann entrou na briga. A sua voz suave insinuou-se, como que deslizando por entre uma multidão. — Deixa-a comigo.

Aproximou-se e sentou-se no chão, encostado à parede. Os azulejos eram frios e hostis.

— Sabes enrolar um cigarro? — perguntou-lhe ele. E durante a hora seguinte ficaram sentados na poça crescente de escuridão, a manusear o tabaco e as mortalhas, e Hans Hubermann a fumar.

Ao fim dessa hora, Liesel sabia enrolar um cigarro razoavelmente bem. Continuara a não ter tomado banho.

ALGUNS FACTOS ACERCA DE HANS HUBERMANN

Gostava de fumar.

Aquilo de que mais gostava no acto de fumar era o
enrolar dos cigarros.

Era pintor de profissão e tocava
acordeão. Isso fazia jeito, principalmente no Inverno,
altura em que podia ganhar uns dinheiritos a tocar nas
tabernas de Molching, como o Knoller.

Já me defraudara numa guerra mundial, mas seria posteriormente metido noutra (numa espécie de recompensa perversa), onde de algum modo conseguiria evitar-me outra vez.

Para a maioria das pessoas, Hans Hubermann quase não era visível. Uma pessoa indistinta. É certo que os seus méritos de pintor eram excelentes. Os seus dotes musicais eram superiores à média. No entanto, e estou certa de que já conheceram pessoas assim, conseguia de certo modo surgir apenas como parte do cenário, ainda que se encontrasse à frente de uma fila. Estava sempre apenas *lá*. Inconspícuo. Nem importante nem particularmente valioso.

A frustração dessa aparência, como podem imaginar, era ser completamente ilusória, digamos assim. *Havia* definitivamente valor nele, e isso não escapou a Liesel Meminger. (A criança humana — muito mais arguta por vezes do que o tedioso adulto estupefaciente.) Ela viu isso imediatamente.

Os seus modos.

A serenidade que o rodeava.

Quando, nessa noite, ele acendeu a luz na pequena casa de banho fria, Liesel observou a estranheza dos olhos do seu pai de acolhimento. Eram feitos de bondade, e de prata. Como prata macia, a derreter-se. Vendo esses olhos, Liesel compreendeu que Hans Hubermann possuía imenso valor.

ALGUNS FACTOS ACERCA DE ROSA HUBERMANN

Media um metro e cinquenta e dois e usava as madeixas cinzento-acastanhadas do seu cabelo elástico num carrapito. Para aumentar os rendimentos dos Hubermann, ela lavava e engomava para cinco casas das mais abastadas de Molching.

Era uma cozinheira atroz.

Possuía a capacidade rara de exasperar praticamente todos os que conhecia.

Mas amava *de facto* Liesel Meminger.

Acontecia apenas que a sua maneira de o demonstrar era esquisita.

Incluía fustigá-la com uma colher de madeira e palavras, a intervalos espaçados.

Quando Liesel finalmente tomou banho, duas semanas depois de estar a viver na Rua Himmel, Rosa deu-lhe um abraço apertado, capaz até de a magoar. Quase a sufocá-la, exclamou: — *Saumensch, du dreckiges*, já não era sem tempo!

Ao cabo de alguns meses já não eram o Sr. e a Sra. Hubermann. Com um típico punhado de palavras, Rosa disse: — Ouve lá, Liesel — de agora em diante chamas-me mãe. — Pensou um instante. — Como é que chamavas à tua mãe verdadeira?

Liesel respondeu baixinho. — *Auch Mama* — também mãe.

— Bom, então eu sou a Mãe Número Dois. — Olhou para o marido. — E àquele. — Pareceu juntar as palavras na mão, amassá-las e atirá-las por cima da mesa. — Àquele *Saukerl*, àquele porco imundo — chamas-lhe papá, *verstehst?* Percebes?

— Sim — concordou Liesel prontamente. Naquela casa apreciavam-se as respostas rápidas.

— Sim, *mãe* — corrigiu-a a mãe. — *Saumensch*. Chama-me mãe quando falares comigo.

Nesse momento, Hans Hubermann acabara de completar o enrolamento de um cigarro, depois de ter lambido a mortalha e juntado tudo. Ergueu o olhar para Liesel e piscou-lhe o olho. Ela não teria dificuldade em lhe chamar papá.